

Pág. 196

Os galileus que voltaram da páscoa levaram a notícia das maravilhosas obras de Jesus. A maneira por que os dignitários em Jerusalém Lhe haviam julgado a ação, abria-Lhe caminho para a Galiléia. Muitos dentre o povo lamentavam os abusos no templo, e a ambição e arrogância dos sacerdotes. Esperavam que esse homem, que fizera fugir os principais, houvesse de ser o esperado Libertador. E agora chegavam notícias que pareciam confirmar suas esperanças. Contava-se que o profeta Se havia declarado o Messias.

O povo de Nazaré, no entanto, não cria nEle. Por isso Jesus não visitou Nazaré em Sua passagem para Caná. O Salvador declarara aos discípulos que um profeta não tem honra na sua própria terra. Os homens estimam o caráter segundo aquilo que eles próprios são capazes de apreciar. Os de espírito estreito e mundano julgavam a Cristo por Seu humilde nascimento, Seu traje modesto e o meio de vida em que labutara. Não eram capazes de apreciar a pureza daquele espírito isento de qualquer mancha de pecado.

As novas da volta de Jesus a Caná divulgaram-se em breve por toda a Galiléia, levando esperança aos aflitos e sofredores. Em Cafarnaum, as notícias atraíram a atenção de um nobre judeu, oficial ao serviço do rei. Um filho desse nobre estava

Pág. 197

sofrendo de moléstia aparentemente incurável. Os médicos o haviam desenganado; ao ouvir o pai falar de Jesus, porém, decidiu rogar-Lhe auxílio. A criança estava muito mal e, temia-se não viveria até seu regresso; mas o nobre achou que devia ir pessoalmente apresentar sua petição. Esperava que a súplica de um pai havia de despertar a compaixão do grande Médico.

Chegando a Caná, encontrou grande multidão rodeando a Jesus. Coração ansioso, procurou abrir caminho até à presença do Salvador. Ao ver apenas um homem simplesmente vestido, poento e exausto da viagem, vacilou-lhe a fé. Duvidou que esse Homem pudesse realizar o que viera pedir-Lhe; obteve, no entanto, uma entrevista com Jesus, expôs-Lhe o objetivo de sua presença, e rogou ao Salvador que O acompanhasse a casa. Mas Jesus já conhecia

Pág. 198

essa dor. Antes que o nobre houvesse partido de casa, vira-lhe o Salvador a aflição.

Sabia, também, que o pai estabelecera, em seu espírito, condições quanto a crer em Jesus. A menos que sua petição fosse atendida, não O havia de aceitar como o Messias. Enquanto o oficial esperava, nessa agonia de quem se acha suspenso, Jesus disse: "Se não virdes sinais e milagres, não creereis." João 4:48.

Não obstante todas as provas de que Jesus era o Cristo, o suplicante decidira fazer do deferimento de seu pedido uma condição para nEle crer. O Salvador comparava essa incredulidade com a fé singela dos samaritanos, que não haviam solicitado qualquer milagre, sinal nenhum. Sua palavra, o sempre presente testemunho de Sua divindade, tinha convincente poder, que lhes tocara o coração. Jesus doía-Se de que Seu próprio povo, a quem haviam sido confiados os sagrados oráculos, deixasse de ouvir a voz de Deus a falar-lhes por intermédio de Seu Filho.

No entanto, o nobre possuía certo grau de fé; pois viera pedir aquilo que se lhe afigurava a mais preciosa de todas as bênçãos. Jesus tinha um dom ainda maior para conceder. Desejava, não somente curar a criança, mas tornar o nobre e sua casa participantes das bênçãos da salvação, e acender uma luz em Cafarnaum, que se devia tornar em breve o cenário de Seus próprios labores. O nobre devia compreender primeiro, no entanto, sua própria necessidade, para que pudesse desejar a graça de Cristo. Esse nobre representava muitos de sua própria nação. Interessavam-se em Jesus por motivos egoístas. Esperavam receber por meio de Seu poder qualquer benefício particular e faziam depender sua fé da obtenção desse favor temporal; ignoravam, porém, sua enfermidade espiritual, e não viam a necessidade que tinham da graça divina.

Como um jato de luz, as palavras do Salvador ao nobre lhe desnudaram o próprio coração. Viu que seus motivos em buscar a Jesus eram egoístas. Sua vacilante fé apareceu-lhe em seu verdadeiro caráter. Em profunda aflição, compreendeu que sua incredulidade poderia custar a vida do filho. Conheceu que estava em presença dAquele que lia os pensamentos, e a quem tudo era possível. Em

angustiosa súplica, clamou: "Senhor, desce antes que meu filho morra!" João 4:49. Sua fé apoderou-se de Cristo, como a de Jacó, quando, lutando com o anjo, exclamara: "Não Te deixarei ir, se me não abençoares." Gên. 32:26.

Como Jacó, prevaleceu. O Salvador não pode recusar o pedido de uma alma que a Ele se apegava, alegando sua grande necessidade. "Vai", disse: "o teu filho vive." João 4:50. O nobre deixou a

Pág. 199
presença do Salvador com uma paz e alegria que nunca dantes experimentara. Não somente crera que seu filho seria restabelecido, mas com firme confiança esperou em Cristo como o Redentor. Na mesma hora os que velavam a criança moribunda, no lar de Cafarnaum, notaram uma súbita e misteriosa mudança. Erguera-se do semblante do doentinho a sombra da morte. O rubor da febre cedera lugar ao suave brilho da saúde que voltava. Os mortíços olhos iluminaram-se de inteligência, e as forças voltaram ao débil e emagrecido organismo. Nenhum vestígio da moléstia permaneceu na criança. A carne ardente de febre tornara-se tenra e fresca, imergindo o pequeno em sono tranqüilo. A febre o deixara mesmo durante o calor do dia. A família pasmou, e grande foi o regozijo.

Caná não distava muito de Cafarnaum, de modo que o oficial poderia haver chegado a casa na tarde do dia em que estivera com Jesus; mas não se apressou na jornada de regresso. Só na manhã seguinte chegou a Cafarnaum. Que chegada, aquela! Ao partir em busca de Jesus, tinha o coração oprimido de dor. O brilho do Sol afigurava-se-lhe cruel, uma ironia o cântico dos pássaros. Agora, quão diversos os sentimentos de sua alma! Dir-se-ia que toda a natureza se revestira de novo aspecto. Novos são os olhos com que contempla o que o rodeia. Enquanto, no sossego das horas matinais, prosseguia em sua jornada, afigurava-se-lhe que toda a natureza o acompanhava num louvor a Deus. Estando ainda a alguma distância de casa, servos lhe saíram ao encontro, ansiosos de lhe sossegar a alma que acreditavam suspensa. Nenhuma surpresa mostra, entretanto, em face das novas que lhe trazem, mas, com profundidade de interesse que não podem compreender indaga a que horas a criança melhorara. Respondem: "Ontem à sétima hora a febre o deixou." Na mesma hora em que a fé se apegara à afirmação: "Teu filho vive", o divino amor tocara a moribunda criança.

Pág. 200

O pai corre pressuroso a saudar o filho. João 4:52 e 51. Aperta-o de encontro ao coração, como a alguém arrebatado à morte, e dá repentinamente graças a Deus por essa maravilhosa restauração.

O nobre desejava conhecer mais de Cristo. Ao ouvir-Lhe posteriormente os ensinamentos, ele e todos os de sua casa se tornaram Seus discípulos. Sua dor foi santificada, para conversão de toda a família. Divulgaram-se as novas do milagre; e em Cafarnaum, onde tantas de Suas poderosas obras foram realizadas, foi preparado o caminho para o ministério pessoal de Cristo.

Aquele que abençoou o nobre de Cafarnaum está igualmente desejoso de nosabençoar a nós. Como o aflito pai, no entanto, somos muitas vezes levados a buscar a Jesus pelo desejo de algum bem terrestre; e da obtenção de nossas petições fazemos depender nossa confiança em Seu amor. O Salvador anela dar-nos maiores bênçãos do que Lhe pedimos; e retarda o deferimento de nossos pedidos, a fim de mostrar-nos o mal que existe em nosso coração, e nossa profunda necessidade de Sua graça. Deseja que renunciemos ao egoísmo que nos leva a buscá-Lo. Confessando nosso desamparo e necessidade, cumpre-nos confiar-nos inteiramente a Seu amor.

O nobre queria ver atendida a sua oração antes de crer; teve, porém, de aceitar a palavra de Jesus, de que seu pedido era satisfeito, e a bênção concedida. Cumpre-nos também a nós aprender esta lição. Não porque vejamos ou sintamos que Deus nos ouve, devemos nós crer. Temos de Lhe confiar nas promessas. Quando a Ele nos chegamos com fé, toda súplica penetra o coração de Deus. Tendo pedido Suas bênçãos, devemos crer que as recebemos, e dar-Lhe graças porque as temos recebido. Então, vamos ao cumprimento de nossos deveres, certos de que a bênção terá lugar quando mais dela necessitarmos. Quando houvermos aprendido a assim fazer, saberemos que nossas orações são atendidas. Deus fará por nós "muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos", "segundo as riquezas da Sua glória" (Efés. 3:20 e 16) e "segundo a operação da força do Seu poder". Efés. 1:19.